

INTERVENÇÃO PARA AUTONOMIA NO PROCESSO DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

Costa, Rosângela Cabral ¹

RESUMO:

A literatura ao longo de seu processo de consolidação passou e passa por concepções distintas, das quais se (re) afirma sua função social, diante disto este artigo propõe discutir a literatura enquanto protagonista do universo da leitura, pois a leitura literária tem um papel fundamental para a formação humana. Diante disto, este artigo seguirá com discussões que sugere metodologias para fomentar a habilidade de leitura dentro da sala de aula. A partir da década de cinquenta a sociedade segue para novos rumos econômico e social, neste contexto desencadeia o avanço tecnológico, que repercute em todas as instituições sociais, dentre elas o espaço escolar, assim sugerimos alguns métodos e recursos, para o incentivo a leitura literária em sala de aula, visando um novo perfil de aluno, pertencente à sociedade contemporânea que dispõe de diversos meios de tecnologia e informação. Para tais discussões, lançaremos mão de leituras teóricas pela perspectiva de Antônio Candido, 1972, Marisa Lajolo, 1993, José Carlos Libâneo, 2006, Guilherme Lobato Miranda, 2007. Cujos estudos estão voltados para o ensino de literatura, escola, educação e sociedade globalizada.

Palavras chaves: sociedade contemporânea, leitura e literatura.

1. Introdução

A proposta desta discussão tende a valorizar a leitura de texto literário em sala de aula, mas de modo diferente das apresentadas pelos livros didáticos, uma vez que os textos literários em sua grande maioria veem nos livros fragmentados e com questões já impostas, limitando e impondo, as interpretações dos alunos, ferindo sua autonomia de leitura.

Levando em consideração as dificuldades de autonomia de leitura que os alunos têm, torna-se relevante discutirmos, tais questões. Com base na leitura teórica pautada por Coracini (1999). Há duas perspectivas com relação à legitimação do livro didático, mas antes disso acreditamos ser pertinente a

1. GRADUADA EM PEDAGOGIA. PSICOPEDAGOGA CLINICA E INSTITUCIONAL COM ENFASE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

compreensão do processo de legitimação do livro didático, que procede a partir do reconhecimento de valores éticos de um grupo social, neste caso os professores, que reconhecido por sua formação tende a capacidade de discutir e decidir o melhor para seus alunos, assim o Ministério da Educação (MEC), analisa e defini os possíveis livros a serem trabalhados em sala de aula.

Os materiais didáticos do ensino público são limitados, sendo o livro didático o de maior acesso, se comparado com a disponibilidade de exemplares de obras literárias disponíveis aos alunos, dificultando o trabalho com literatura no ambiente escolar de ensino básico público. Por isso, é um desafio para o professor, propor atividades que despertem o interesse dos alunos. Aliado a isso, é dever da escola oferecer espaços e recursos para que o aluno desenvolva a habilidade da leitura. Ainda que seja um trabalho permeado de inúmeros obstáculos, não há como desprezá-lo.

De modo geral os alunos da educação básica estão imerso numa cultura globalizada, o que possibilita ao professor explorar recursos tecnológicos de forma que despertassem o interesse dos alunos para o processo da leitura, sem conferir menos valor ao texto literário.

Diante deste contexto, tomamos o conceito de educação, ensino de literatura vinculado ao uso das TICs e sociedade contemporânea. Para isso, pautamo-nos em alguns autores como: Libanêo (2006), com trabalhos teóricos da educação, Miranda (2007), estudioso do uso das novas TICs no processo de ensino e aprendizagem, Lombardi (2001), com trabalhos a respeito da globalização, pós-modernidade e educação, Lajolo (1993) com trabalhos sobre o processo de leitura em sala de aula, legitimação do livro didático de Coracini (1999) e Leitura: decodificação, processo discursivo Coracini (1995).

2. Literatura no espaço escolar

A escola é uma das entidades responsáveis por contribuir para a formação intelectual dos indivíduos, através da qual o corpo docente colabora para o processo de construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos. Segundo Coelho (2000, p.16) “[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo.” Em consonância com Coelho, Libâneo (2006, p. 17) discute o papel da escola diante da sociedade.

[...] a escola, à qual cabem a tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimento e habilidade, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo. Tais tarefas representam, uma significativa contribuição para a formação de cidadãos ativos, criativos e críticos, capazes de participar nas lutas pela transformação social

Observando a escola como um todo, constituído por partes, a literatura é uma delas, desempenhando um papel humanizador. De acordo com (TODOROV, 2010, p.66), “A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo.” A literatura não é uma técnica de cuidado para a alma, mas é a revelação do mundo e pode nos transformar.

Ela também tem a função de formar o indivíduo. De acordo com (BOBERG e Stopa (2009 apud CÂNDIDO, p. 833) “[...] sobre a literatura: ela revela o homem e atua em seu desenvolvimento, mediante suas funções que satisfazem a necessidade universal de fantasia, contribuem para a formação da personalidade e representam certas realidades sociais e humanas.”

Na mesma perspectiva, Cândido (1972, p. 82) afirma que a arte, que inclui a literatura pode educar, aliado à comunidade escolar e a família. "Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema atuem tanto quanto a escola e a família na formação

de uma criança e de adolescente.”. Ademais, Cândido (1972, p. 85) ratifica o seu ponto de vista, quanto à função educativa da literatura: “[...] a literatura é, sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos.”

Dentre outras funções da literatura, Cândido (1972, p. 80) destaca a função além psicológica, aquela que permite ao leitor acessar um mundo imaginário, repleto de fantasias: “[...] função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia que decerto é coextensiva ao homem [...]”. Ainda segundo o autor, todos constroem um mundo fantasioso para si.

[...] ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a formação de palpite a loteria, devaneio construção ideal ou anedota. E assim que justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 1972, p.81).

Ao trabalhar literatura, em sala de aula o professor tem de abarcar dois elementos: as escolas literárias e os textos literários exigidos no currículo escolar. As dificuldades de trabalhar-se com textos literários clássicos da literatura brasileira, não pode ser motivo de abdicar os alunos de terem essas leituras, ainda que estejam permeados por leituras outras. O intuito do projeto era romper, com a tradição de leitura trazida nos livros didáticos, pois esperávamos que os alunos tivessem capacidade e autonomia de ler um texto e problematizá-lo.

É de senso comum, a responsabilidade que a escola tem em desenvolver o conhecimento científico, cabendo ao professor a maior responsabilidade em desenvolvê-las, atribuindo o sucesso ou o fracasso a ele. É de sua inteira responsabilidade do professor preparar as aulas, assim como é ele quem escolherá os textos literários, a partir da noção prévia do universo literário do aluno. De acordo com (LAJOLO, 1993, p.37) "A nós, a quem cabe a decisão sobre

o que é melhor, mais adequado, mais desejável, mais indicado para este ou aquele contingente de jovens, acidental e circunstancialmente sob nossa influência e responsabilidade."

2.1. Metodologia de Leitura em Sala de Aula

Considerando a literatura como fonte de conhecimento que envolve leitura e interpretação do mundo. Sugerimos métodos que possam contribuir para despertar o interesse dos alunos na literatura, podendo inicialmente trabalhar com seminários, no qual os alunos possam apresentar características, autores e obras de determinado período literário, num segundo momento pode solicitar aos alunos explorarem suas leituras, fazendo um recorte e apontamentos da obra.

Assim os alunos terão oportunidade de lerem obras, e propor uma leitura interpretativa, da obra por ele escolhido, nesta dinâmica pode surgir alguns apontamentos críticos, suscitados e apontamentos pelos alunos, neste processo de leitura é possível desenvolver a autonomia de interpretação dos alunos, de modo que abre mão do modelo arcaico do ensino de literatura, com foco no ensino da gramática e em sua parte estrutural:

O primeiro momento de libertação do texto literário da gramatiquice aguda coincidiu com a adesão a uma espécie de modelo simplificado de análise literária: questionários a propósito de personagens principais e secundários, identificação de tempo e espaço da narrativa, escrutínio estrutural do texto. (LAJOLO, 1993, p.70).

Ao discutir a noção de textos, Lajolo (1982) defende a ideia de trabalhar os textos literários enquanto material para instigar a interpretação e aguçar leituras críticas, que permitam ao aluno se construir posicionamentos diante do texto. A partir de seus conhecimentos prévios, de maneira que permita ao aluno construir sua identidade social, e não somente usar textos literários como meio de moralizar ou ensinar gramática. É esperado que o aluno infira, deduza informações do texto, isto é, com base em seu conhecimento de mundo, realizando uma leitura polissêmica, com base no dito e no não-dito nos textos.

É sabido, que não há um método cem por cento, que possa ser eficaz para com todas as turmas, isto era visível nas turmas em que trabalhamos, pois por mais que tentávamos meios de incentivo de leitura, ainda que minoria, haviam alunos que não correspondiam a proposta das aulas. (LAJOLO, 1993, p.14) "Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem [...]"

Considerando a inexistências de métodos milagrosos para leitura e interpretação, que o planejamento das aulas visavam orientar o aluno para a compreensão de estudo de literatura, de modo a contribuir para a sua formação. A literatura segundo Boberg e Stopa (2009, p. 838) “[...] deve ser valorizada como uma oportunidade em que ocorre a construção de sentidos, para a qual o leitor trará suas impressões, seus conhecimentos e suas experiências de leitura, participando ativamente do processo literário.”

Durante o percurso de prática de leitura e interpretação, o professor pode usar de recursos tecnológicos usado pelos discentes, como por exemplo, criar grupos de whatsapp, , a fim de discutirmos sugestões, de leituras, filmes e documentários para contribuir na compreensão de obra lidas e discutidas em sala de aula, mas sempre ressaltando que ainda que assistissem filmes e documentários seriam necessário lerem a obra, já que os filmes e os documentários são adaptações a partir de uma leitura.

Além do whatsapp pode ser utilizado o e-mail, para o envio de material que de alguma maneira possa contribuir na compreensão de textos literários que exija maior repertório de leitura.

Para impulsionar à leitura e dar visibilidade as atividades desenvolvidas pelos alunos neste processo de leitura literária, o professor pode organizar com os alunos saraul de modo que possam escolherem uma obra discutida em sala para realização de salas temáticas para exposição, podendo, as salas serem ornamentadas a partir de recortes de determinada obra e exposta aos demais alunos da escola, de maneira que o público pudessem associar o espaço exposto com o texto literário.

Estes métodos de leitura baseiam-se nos trabalhos de (BOBERG e STOPA, 2009 apud SARAIVA, 2006) que esquematizam três etapas para metodologia de leitura, definidas como: leitura compreensiva, leitura interpretativa e etapa de aplicação. Neste sentido, os alunos leram as obras, em seguida apresentaram os seminários, problematizando aspectos que consideravam pertinentes, gerando discussões outras e por fim aplicaram todo o trabalho na organização das salas temáticas exposto no Sarau da instituição escolar, aberta a toda comunidade.

Lajolo (1982) ao afirmar que para ser um bom professor de literatura requer ser um bom leitor e um bom aluno leitor depende de um bom orientador (professor), ela atribui toda a responsabilidade aos professores pelo fracasso ou sucesso do aluno enquanto leitor. Diante desta afirmação de Lajolo (1983) deparamo-nos com o dilema professor modelo e aluno modelo. Pois não cabe apenas a um bom planejamento da aula, para o sucesso ou o fracasso da aprendizagem do aluno, depende de outros fatores socioculturais do aluno.

Para que aulas de literatura funcionem segundo a perspectiva de Lajolo (1982), é necessária uma boa interação entre professor, texto e aluno. Afinal de contas, é esperado que o texto desperte o interesse do aluno e cabe ao professor escolher textos que façam parte do universo literário do aluno e aos poucos possa intervir com leituras de clássicos.

Diante do exposto, é possível afirmar que foram realizadas adaptações, conforme a necessidade de cada grupo, a fim de tornar as aulas mais participativas possíveis, e que os alunos se interessassem pelas leituras propostas, neste sentido LAJOLO, afirma (1993, p.15) "Ou o texto dá sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas"

2.2. Ensino de literatura no âmbito escolar de uma sociedade globalizada

Diante das condições da sociedade definida como pós-moderna, marcada pelo excesso de informação atrelado ao alto desenvolvimento tecnológico, faz-se necessário repensar os recursos didáticos para que as aulas se tornem atrativas e prenda o interesse dos alunos. Com base nesta perspectiva de pós-modernidade, Sanfelice (2001), propõe uma problemática a ser pensada e discutida - pensando no imbricamento entre pós-modernidade e globalização, em relação o processo de ensino-aprendizagem do mundo científico e sistematizado.

Nesta perspectiva, refletimos sobre a educação no contexto da sociedade moderna. Sabemos que cabe ao estado por meio da escola, em toda sua amplitude, desde gestores, corpo docente, pais e alunos, organizarem e oferecerem as melhores condições possíveis de ensino. Cabe a escola, a responsabilidade por capacitar o conhecimento científico, no qual contribuirá no processo de formação do aluno.

Há décadas poucos tinham acesso ao ensino científico, seja por falta de recursos, ou pela restrição do acesso ao ensino, mas com o passar do tempo, a educação é um assunto que tem ganhado relevância sociopolítica, conseqüentemente o conceito de educação democratiza-se:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas físicas, morais, intelectuais, estéticas tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. (LIBÂNEO, 2006, p.22)

A relevância da escola para a vida, ganha destaque depois do surgimento de filosofias de ensino. Teóricos passam a discutir a importância que é a escola para o desenvolvimento de uma sociedade como um todo. O ensino escolar começa a apresentar sinais de desenvolvimento. A escola é considerada como

princípio do desenvolvimento social e econômico. A era da ignorância aos poucos se torna arcaica.

A escolarização tem, portanto, uma finalidade muito prática. Ao adquirirem um entendimento crítico da realidade através do estudo das matérias escolares e do domínio de métodos pelos quais desenvolvem suas capacidades cognoscitivas e formam habilidades para elaborar independentemente dos conhecimentos, os alunos podem expressar de forma elaborada os conhecimentos que correspondem aos interesses majoritários da sociedade e inserir-se ativamente nas lutas sociais. (LIBÂNEO, 2006, p.35)

A princípio, a escola é responsável apenas pelo ensino pragmático, ensino sistematizado. Posteriormente com a evolução dos grupos sociais, a escola torna-se ampla. Mais que conhecimento sistematizado, ela passa a ser vista como contribuinte para a construção de valores funcionais e éticos.

“A escola sempre teve um papel fundamental, e hoje, além da função de ensinar para a cidadania e para o trabalho, tem também que passar os valores fundamentais para a vida do indivíduo, sendo que esse papel também deveria ser de comprometimento familiar.” (SOUZA, 2012, p.18)

Em defesa da ampliação do papel da escola, Libâneo (2006, p. 25), afirma:

Podemos dizer que o processo de ensino e aprendizagem é, fundamentalmente, um trabalho pedagógico no qual se conjugam fatores externos e internos. De um lado, atuam na formação humana como direção consciente e planejada, através de objetivos conteúdos e métodos e formas de organização proposta pela escola e pelos professores; de outro, essa influência externa depende de fatores internos, tais como as condições físicas, psíquicas e sócio-culturais dos alunos.

A partir da década de sessenta e setenta a pedagogia tecnicista ganha destaque na sociedade e na educação, tendo como base a filosofia positivista de

Augusto Comte e Skinner, cuja perspectiva era priorizar o ensino técnico, voltado para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. O ensino passa a ter uma função capitalista, com o intuito de formar pessoas com conhecimentos técnicos e práticos. Diante dessas condições, o ensino era tido como uma mercadoria, que precisa ser atraente para os alunos.

A globalização e o excesso de informação propõem novos métodos de ensino, com foco nos alunos, imersos neste meio. Santos (2013) já prevê a influência da globalização na realidade dos alunos: Com o avanço das TCIs (tecnologia da informação e da comunicação), não há como não reconhecer a importância das redes sociais e tapar os olhos para a realidade de nossos alunos.

A educação não está imune às transformações da base material da sociedade, hoje em processo de globalização e, ao mesmo tempo, não está imune à pós-modernidade cultural que as sinalizam. Pós-modernidade, globalização e educação relacionam-se pela lógica de mercado. (SANFELICE, 2001, p.11)

Diante do novo contexto de globalização que a educação está inserida, o perfil dos nossos alunos torna-se peça chave deste estudo, é em prol dele que nos propomos em levantar questões que repense o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de literatura, ao considerarmos a possibilidade do uso de novos recursos materiais e humanos, para o planejamento e execução das aulas.

Segundo Freire (1998), mediante o excesso de informação, através de meios tecnológicos, é necessário considerar três critérios: público alvo, as necessidades deste público e a metodologia para a utilização destes recursos.

O método proposto por Freire contribui para a elaboração e execução deste processo de leitura. O público alvo, mencionado aqui está dotado de conhecimento tecnológico e com muita informação. Mas somos cientes que informação não é conhecimento, portanto cabe ao docente transformar estas informações em conhecimento científico.

Os perfis do aluno contemporâneos são jovens permeados por tecnologia e informação, resultando no desafio de como chamar a atenção destes para o que

se é proposto em sala de aula. Para tanto, é possível utilizar como recursos projetores de multimídias para aulas preparadas em slides, das quais podem conter fragmentos de obras literárias para explanação e discussão, com uso destes recursos pode-se chamar atenção tanto por meio da audição, quanto da visão, permitia também os alunos acompanharem a leitura.

Neste processo de planejamento e execução das aulas, das quais se utiliza das TICs como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, ao usar recursos como Whatsapp, e-mail e data show, caminha-se para uma nova metodologia de incentivo de leitura, no entanto é preciso ficar atento, pois não basta pensar apenas na utilização de novos recursos para o desenvolvimento da aula, antes dos recursos, deve-se pensar na finalidade de utilizá-lo. A fim de adotar-se este, ou aquele método ou recurso. Do contrário cairemos no fracasso, pois apenas substituiríamos o material didático, mas a prática seria a mesma.

Miranda, (2007) Considera as TICs como um subdomínio da Tecnologia Educativa, no qual não basta ter acesso a estes recursos sem desenvolver os métodos para aplicá-los de forma benéfica para o ensino do novo perfil de alunos que temos. O que significa que não basta ter o recurso, visto que só substituiria o objeto de ensino. De acordo com (MIRANDA, 2007, p. 44) "Pensam que é suficiente colocar os computadores com algum software ligado à rede de internet nas salas de aula que os alunos vão apreender e as práticas vão alterar. Sabemos que não é assim."

Porém, mesmo que haja o risco de apenas substituir o objeto de ensino, não se deve se reprimir em tentar propor algo novo. Já mencionamos que não há receita, seja para o ensino de literatura, ou para qualquer outra área, mas precisamos estar atentos para evitarmos cair no tradicionalismo, uma vez que vivemos em uma sociedade moderna, dominada pelos meios de comunicação e no qual a escola como entidade responsável pela educação tem por obrigação evoluir também, para que consiga cumprir seu papel dentro da sociedade.

Considerações finais

Diante de tudo o que foi mencionado, vale sempre lembrarmos como professores, o quão importante é o processo de prática de leitura literária. Na nova concepção de sociedade contemporânea, espera-se que as mudanças, ou adaptações devem ser feitas para adequar os conteúdos às novas formas de ensino.

É necessário atentar-se para o contexto social do aluno. Deve-se cogitar sempre outros recursos de ensino que possam fomentar a motivação deste público, reconhecendo as problemáticas e os desafios no que diz a respeito ao processo de ensino e repensar em novos métodos para superarmos esses desafios. Cabe aos professores juntamente com alunos discutirem e propor o melhor para ambos, a fim de chegar-se a um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antônio. Texto de intervenção “A literatura e a formação do homem”. São Paulo: Duas cidades editora, 1972.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil, teoria, análise e didática: São Paulo: Moderna, 2000.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Interpretação, autoria e legitimação do livro didático língua materna e língua estrangeira: O processo de legitimação do livro didático na escola de ensino fundamental e médio uma questão de ética. Campinas; SP: Pontes, 1999.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. O jogo discursivo na aula de leitura: Leitura: decodificação, processo discursivo. Campinas; SP: Pontes, 1995.

FREIRE, Gustavo Henrique e FREIRE, Isa Maria. Navegando a literatura: o hipertexto como instrumento de ensino. Rio de Janeiro: Transinformação, v. 10, n.2, p. 77-92, maio/ agosto, 1998.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática S.A, 1993.

LAJOLO, Marisa. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor (O texto não é pretexto). Porto Alegre-RS: Mercado aberto, 1986.

LIBANÊO, José Carlos. Didática: Cortez Editora. São Paulo-SP, 2006.

LOMBARDI, José Claudinei (organizador). Globalização, pós-modernidade e educação, história filosofia e tema transversais. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2001.

MIRANDA, Guilherme Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. Lisboa: Sísifo/ revista de ciências da educação. N°. 3. mai/ ago. 2007.

SANTOS, André Luis Bento dos. Grupos do facebook para o ensino de literatura. Campina Grande, PB: 20013.

SOUZA, Jacqueline Pereira de. A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança. Artigo de especialização em psicopedagogia clínica e institucional, Fortaleza, 2012.

STOPA, Rafaela; BOBERG, Hiudéa Tempesta Rodrigues. Análise de propostas metodológicas para o ensino de literatura. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 832-839.

TODOROV Tzvetan, tradução Caio Meira. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.